



EDUCAÇÃO

Obras atrasadas obrigam escolas a improvisar locais para ensino



Leonardo Correia/Foca Livre

Sete meses após denúncia do Foca Livre, estudantes de duas escolas municipais em Ponta Grossa permanecem em espaços adaptados e com problemas de estrutura. Os alunos da Escola Dércia do Carmo Novinski são levados diariamente para a Capela Nossa Senhora de Nazaré, enquanto a Escola Prefeito Dr. Fulton Vitel Borges de Macedo funciona atualmente em apenas metade da área construída. Pais relatam dificuldade no transporte, salas precárias e preocupação com o aprendizado das crianças. Prefeitura alega que os contratos com a construtora para as obras das escolas foram rescindidos devido a atrasos nos trabalhos **p. 3**

POLÍTICA

Comunidade LGBTQIAPN+ busca apoio diante da violência e exclusão

A ausência de casas de acolhimento e de políticas públicas específicas para a população LGBTQIAPN+ em Ponta Grossa faz com que pessoas em situação de vulnerabilidade recorram a redes informais de apoio e serviços já existentes para conseguir proteção e atendimento **p. 7**

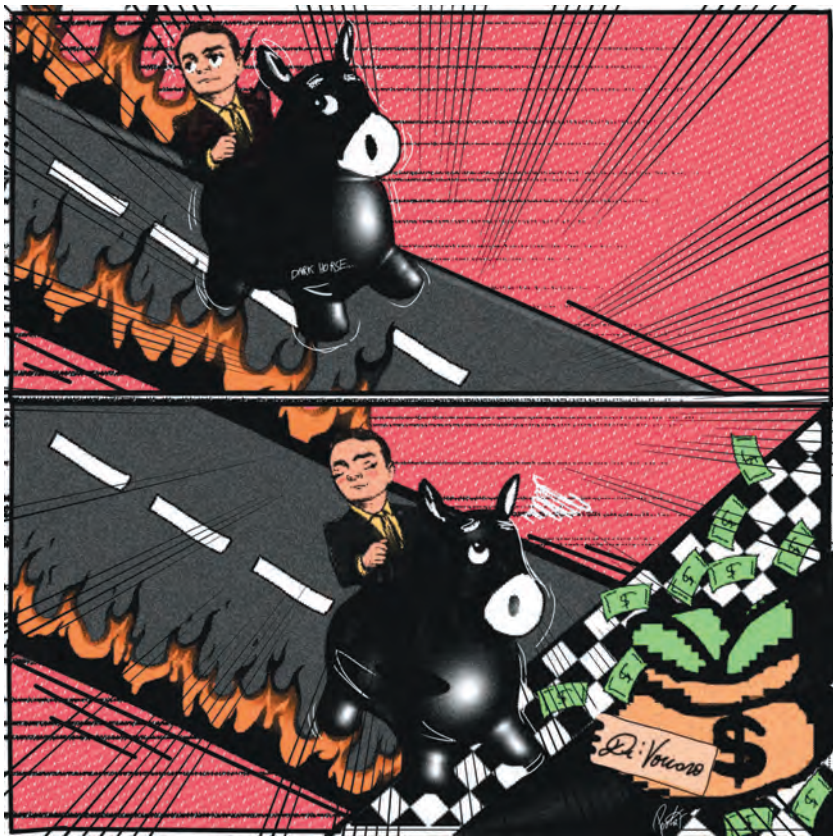


Daniel América/Foca Livre

★

CHARGES

Paola Ferreira



Fernanda Andrusko



FOCA LIVRE

Veículo concebido e produzido por estudantes do 2º ano do curso de jornalismo na disciplina Núcleo de Redação Integrada I, a partir de textos produzidos na disciplina Produção e Edição de Textos Jornalísticos II. Artigos e opiniões contidos nesta edição são de inteira responsabilidade de seus emissores.

Chefia do Departamento de Jornalismo
Paula Melani Rocha

Coordenação do curso de Jornalismo
Marcelo Engel Bronosky

Professores orientadores
Gabriela Cavalcanti Carneiro de Almeida
Hendry Anderson André

PET Jornalístico II
Aline Rios

Editores-chefe
Anna Teixeira, Emanuelle Nunes e Millena Zampieri

Editores de imagem
Fernanda Andrusko, Gabriel Vitória e Júlia Camargo

Infografias e ilustrações
Fernanda Andrusko e Paola Ferreira

Diagramação
Bebel Costalonga, Erika Vibly, Isabella Meira, Isabelli Piva, Jeniffer Iara, João Pedro Souza, Julia Busarello, Leonardo Correia, Lívia Anjos, Lorena Rocha, Malu Dip, Maria Thereza Mello, Matheus Fornazari, Pedro Fontoura, Rafaela Rothstein, Raíssa Pais, Roberto Krzesinski e Valentina Bortoluzze

Textos e checagem
Anna Teixeira, Bebel Costalonga, Emanuelle Nunes, Emanuelle Pasqualotto, Erika Vibly, Fernanda Andrusko, Gabriel Vitória, Isabella Meira, Jennifer Iara, João Pedro Souza, Julia Busarello, Júlia Camargo, Kamille Vidal, Leonardo Correia, Lívia Anjos, Lorena Rocha, Luciana Scherner, Malu Dip, Maria Thereza Mello, Matheus Fornazari, Millena Zampieri, Paola Ferreira, Rafaela Rothstein, Raíssa Pais e Valentina Bortoluzze



Universidade Estadual de Ponta Grossa
Departamento de jornalismo
Praça Santos Andrade, 1 - Centro, Ponta Grossa - PR
Telefone: (42) 3220-3351
E-mail: deptjorn@uepg.br

✎

EDITORIAL

O custo social do abandono

A T-40 se despede da inquietude inicial para abraçar a prática jornalística com mais confiança. Para além da busca por um espaço no meio jornalístico, o propósito da equipe é consolidar uma produção comprometida com a fiscalização, o compromisso social e a valorização da pluralidade.

Em PG, o abismo entre o planejamento governamental e a execução prática tem cobrado um preço alto da população. Observa-se em setores fundamentais, como educação e infraestrutura comunitária, um cenário de promessas que estacionam em trâmites burocráticos, deixando o cidadão à espera de serviços básicos que já deveriam estar consolidados.

O debate sobre a qualidade da merenda escolar revela falhas na garantia da segurança alimentar dos alunos. Unidades de ensino e capela mortuária permanecem inacessíveis por falta de segurança ou conclusão de reformas. A paralisia obriga improvisos para direitos que são, por definição, responsabilidades intransferíveis do Estado. Estas omissões postergam o desenvolvimento social, submetem famílias a deslocamentos desnecessários e à ambientes inadequados, ferindo a dignidade de quem mais depende da gestão pública.

A gestão da coisa pública não deve ser pautada pela inércia.

Sem uma coordenação eficiente que integre fiscalização rigorosa e agilidade administrativa, o risco é que o descaso se normalize, transformando prédios públicos em símbolos de abandono e o ensino em uma atividade de resistência cotidiana.

No campo institucional, a permanência de gestões de longa duração reacende discussões sobre a distribuição de prioridades dentro da universidade, sobretudo diante da percepção de que algumas demandas históricas de determinados setores e campi seguem avançando de forma desigual. O desafio é conciliar estabilidade administrativa com a capacidade de responder, de maneira equilibrada, às diferentes necessidades da comunidade acadêmica.

Não faz sentido que decisões institucionais e trâmites internos se distanciem das urgências vividas no cotidiano universitário. É preocupante quando respostas a problemas recorrentes se prolongam além do necessário. Sem acompanhamento constante e políticas voltadas à equidade entre os diferentes setores, corre-se o risco de ampliar a sensação de distanciamento entre a gestão e as demandas práticas da universidade.

Ao superar as incertezas das primeiras edições, buscamos entregar um jornal que não só informa, mas que atua como um agente de vigilância. ■

📍

PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO



Em 2026, o Foca Livre passa a contar com pontos fixos de distribuição da sua edição impressa. Nesta página, você encontra alguns dos principais locais (bairros da cidade e também municípios próximos) onde encontrar seu exemplar. Para conhecer outros pontos de distribuição, acesse o QR Code à esquerda e confira a lista completa (com endereço)

CENTRO
Casa das Artes, Casa do Artesão, Cine PG, Cine-Teatro Ópera, Museu Campos Gerais, Prefeitura Municipal e Sebo Espaço Cultural

CONTORNO
Associação de Moradores, Centro de Eventos, Colégio Estadual Elzira Correia de Sá, UPA Santa Paula

ESTRELA
Centro de Especialidades Santa Casa, Estádio Germano Krüger, Instituto de Educação Cesar Prieto Martinez

OFICINAS
Museu de Arqueologia, Terminal Oficinas e Unidade de Saúde Lauro Müller

OLARIAS
Arena Multiuso, Biblioteca Municipal, Conservatório e Cras Vila Isabel

RONDA
1º BPM, Câmara Municipal, INSS e Rodoviária

UVARANAS
UEPG (Reitoria e Biblioteca), Caps Uvaranas, Centro Espirita Perdoai, UBS Uvaranas e Terminal Uvaranas

VILA VELHA
Parque Estadual Vila Velha

JARDIM CARVALHO
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

Obras paradas em escolas municipais expõem descaso com estudantes

Prefeitura de Ponta Grossa rescindiu contrato com empreiteira, mas enquanto nova empresa não assume serviços, alunos estudam em espaços inadequados

Sete meses depois de o jornal **Foca Livre** denunciar problemas envolvendo a efetivação do pacote de R\$ 17 milhões para a reforma de estabelecimentos educacionais da cidade, duas escolas ainda sofrem as consequências das disputas entre a Prefeitura e a empresa Talento e Arte.

A Escola Municipal Aristeu Costa Pinto, na Ronda, que no final do ano passado permanecia fechada em razão de desacordo alegado pela empreiteira, retomou a atividade escolar no início do ano letivo de 2026, no mês de fevereiro. O mesmo não acontece nas escolas Municipais Dércia do Carmo Novinski e Prefeito Dr. Fulton Vitel Borges de Macedo, localizadas no Cará-Cará e em Uvaranas, respectivamente.

Com as obras interrompidas e sem previsão de retomada, os alunos da Escola Dércia precisam ser transportados diariamente até a Capela Nossa Senhora de Nazaré, espaço utilizado para as aulas, percorrendo um trajeto de quase dois quilômetros. Gizelly Aparecida de Andrade, mãe de um estudante, acredita que o uso do espaço da capela é indevido, visto que não foi pensado para receber atividades escolares. "As crianças não estão vendo um lugar de escola, que é um espaço adequado para que elas possam brincar e estudar. Um melhor lugar de estudo", avalia a mãe.

Já a dona de casa Cintia Batista dos Santos ressalta que a situação é mais grave nos casos de emergência. "Se o filho fica doente, a gente tem que se deslocar até outra vila. Quem não tem carro, muitas vezes precisa pedir um carro de aplicativo ou favor para um vizinho. Essa correria e a falta de um acesso rápido complicam muito a vida", expõe.

"As crianças não estão vendo um lugar de escola, que é um espaço adequado para que elas possam brincar e estudar"



Nova data para entrega de escolas será definida após finalização de etapas burocráticas

Leonardo Correia/ Foca Livre

A cozinheira Francielly Barbosa, moradora do bairro, que se mudou recentemente para a comunidade, relata o choque ao descobrir que os filhos teriam que ser transferidos para longe. Ela lamenta o descaso com a escola. "Aqui era um colégio dinâmico, onde tinha tudo, inclusive período integral. Agora está aí, abandonado", diz.

Já os pais com filhos matriculados na Escola Fulton, que opera com apenas metade da capacidade, destacam que a falta de estrutura básica compromete a frequência escolar. "Em dias de chuva não tem como mandar [para a escola] porque tem uma goteira enorme na sala. Todas as salas estão precárias, a sala do Infantil quatro está toda rachada", conta a manicure Daiane de Moraes, mãe de uma aluna. "Eles pararam a obra, falaram que iam retornar, mas o pessoal abandonou tudo e foi embora, sem previsão nenhuma. Quem sofre, no final, são as crianças", critica Fernanda Vieira, mãe de um estudante.

O impacto do atraso nas obras é ainda mais grave para os alunos que necessitam de atendimento especializado. Mãe de uma aluna com Transtorno do Espectro Autista, Clarice Burakowski expõe as dificuldades que tem encontrado na Fulton. "Está sendo bem ruim. É o primeiro ano da minha filha aqui, ela é autista e está em uma sala bem pequena, simplesmente porque não tem espaço suficiente na escola", denuncia.

Rescisão e novo contrato

Procurada pelo **Foca Livre**, a assessoria da Prefeitura, por meio de nota oficial, informou que os contratos com a construtora Talento e Arte Acabamentos para as obras de ampliação das escolas foram rescindidos devido aos atrasos constatados nos trabalhos. Como punição administrativa por "descumprir o cronograma e gerar prejuízos à população", a empresa foi suspensa do direito de licitar e contratar com o município pelo período de seis meses.

Para dar continuidade às reformas, a Secretaria de Infraestrutura convocou as próximas

empresas. Ponta Grossa Engenharia Ltda, com 4,6 milhões de investimento para Fulton e a WAM Licitações Ltda com 5,2 milhões para a Dércia. Ambas classificadas em terceiro lugar na licitação.

A contratação está em trâmite interno para que os trabalhos sejam retomados e, somente após a finalização dessa etapa burocrática, será definida uma nova data para a entrega das escolas.

A reportagem também entrou em contato com a Talento e Arte Acabamentos para obter esclarecimentos sobre o caso, mas não obteve retorno. A equipe do **Foca Livre** também se dirigiu até o lugar indicado na localização do serviço Google Maps, porém não havia prédio físico da empresa. ■

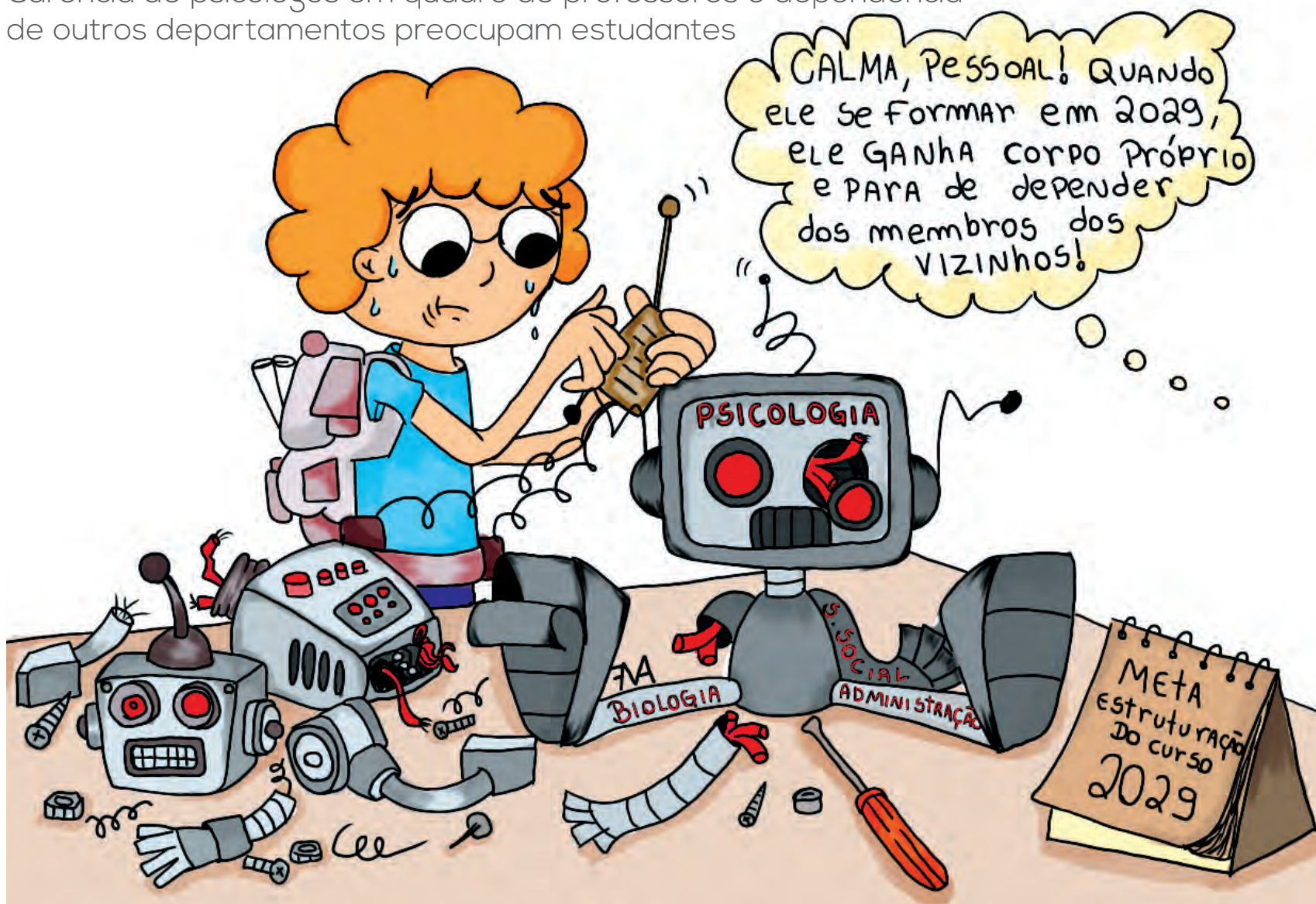
REPORTAGEM
Leonardo Correia
leolima1925@gmail.com

Checagem: Erika Vibly
Diagramação: Valentina Bortoluzze

 EDUCAÇÃO

Curso de Psicologia da UEPG segue sem departamento e quadro docente próprios

Carência de psicólogos em quadro de professores e dependência de outros departamentos preocupam estudantes



O curso de Psicologia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) completa o terceiro semestre sem departamento e corpo docente próprio. A gestão está sob responsabilidade do Departamento de Serviço Social, que atua como unidade administrativa provisória. Essa condição, embora comum em cursos novos, retira a autonomia da Psicologia em decisões sobre a gestão de recursos.

A composição do corpo docente é um dos pontos mais críticos para os estudantes consultados pelo **Foca Livre**. O curso dispõe de 17 professores, sendo seis com formação em Psicologia. O restante vem de 11 departamentos diferentes, incluindo Administração, Farmácia e Biologia. Na prática, apenas três professores são psicólogos que, segundo a Coordenação provisória do curso, são responsáveis por lecionar matérias específicas.

A Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (Abep) trabalha para que a Psicologia no Bra-

sil rompa com a chamada "inserção secundária" em outros campos, em prol de uma identidade autônoma. No caso da UEPG, o coordenador do Colegiado de Psicologia, Oriomar Stalinski Junior, explica que a criação de um setor próprio irá ocorrer após a formatura da primeira turma, o que deve manter a subordinação administrativa do curso por, pelo menos, cinco anos.

Cleide Lavoratti, professora de Serviço Social e coordenadora de extensão do curso de Psicologia, pondera que a graduação atende a uma expectativa antiga da comunidade universitária e dos municípios da região. Ela destaca que o curso contribui para suprir a falta de profissionais em áreas estratégicas como saúde, educação e assistência social. "É um curso intersetorial que foi criado numa perspectiva de psicologia social com ênfase na psicologia educacional e na formação de psicólogos para atuar nas políticas públicas de proteção social e de saúde", diz.

Sobre o déficit de professores concursados, a docente pontua que este é um problema estrutural de toda a UEPG, agravado pela Lei Geral das Universidades (LGU), que contribui para a substituição de professores efetivos por temporários. No curso de Psicologia, a dependência de colaboradores temporários via testes seletivos é a regra para cobrir a carga horária que o quadro fixo não comporta.

A realização do concurso público de 2026 tende a ampliar o quadro docente próprio do curso. Entretanto, o número de vagas ofertado ainda é considerado insuficiente para sustentar a demanda de cinco turmas simultâneas no futuro.

O aluno do segundo ano Gabriel Drinko vê riscos na manutenção do atual modelo. "A adição de dois professores, via concurso, é muito baixa, porque vai começar a ter cada vez mais matérias, mais turmas e a tendência é não ter professores para acompanhar", acredita.

A falta de psicólogos no quadro também reflete na ausência de projetos de pesquisa e extensão próprios da Psicologia. Atualmente, os alunos precisam se inserir em iniciativas de outros cursos, como Medicina e Serviço Social.

Embora a coordenação afirme que 10% da turma inicial já atua em iniciações científicas, os alunos sentem falta de uma inserção que contemple a atuação dentro da própria psicologia. A condição frustra aspectos das diretrizes curriculares para a formação superior em Psicologia, aprovadas em 2023, que estabelecem que os cursos criem condições para a pesquisa e executem projetos de extensão ligados aos seus eixos estruturantes. ■

REPORTAGEM

Millena Zampieri

millenazampieri@icloud.com

Checagem: Rafaela Rothstein

Diagramação: Malu Dip

Arte: Fernanda Andrusko

SAÚDE

Uma em cada cinco gestantes abandona pré-natal antes do mínimo recomendado pela OMS

Desinformação, falta de rede de apoio e vulnerabilidade econômica elevam abandono de pré-natal e ampliam riscos para mãe e bebê

Um estudo do Centro Internacional de Equidade em Saúde da Universidade Federal de Pelotas, em parceria com a Umane, organização que atua com foco na saúde pública brasileira, revela que uma em cada cinco gestantes não atinge o mínimo de sete consultas de pré-natal no Brasil, número recomendado pela Organização Mundial da Saúde. Os principais fatores que contribuem para isso são o medo de julgamento, especialmente em casos de gravidez na adolescência, dificuldades financeiras, falta de rede de apoio, demandas familiares e profissionais, além da dificuldade de locomoção até os serviços de saúde.

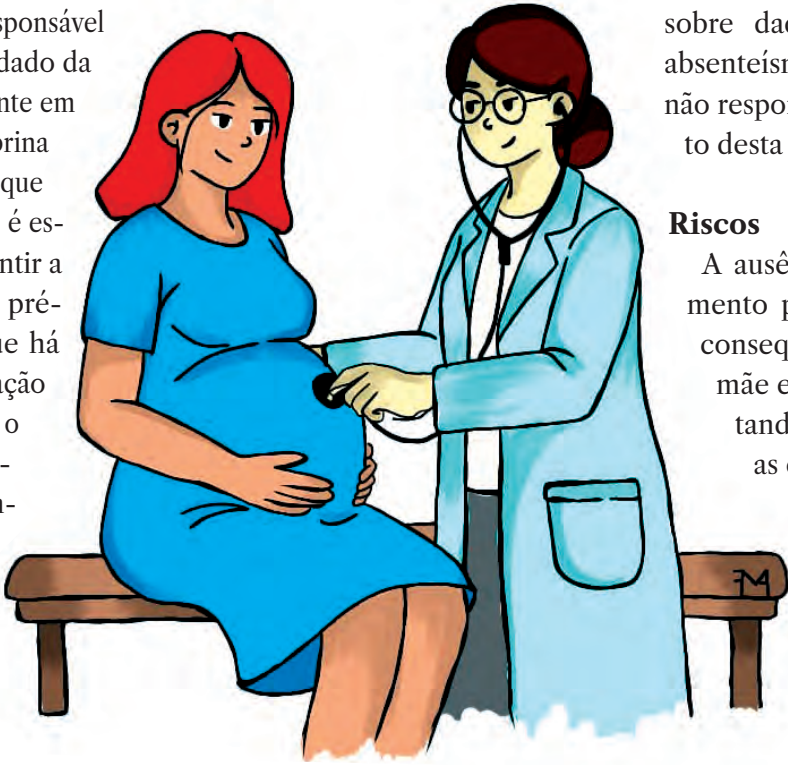
Tainá Bueno foi gestante aos 16 anos e iniciou o pré-natal somente quando já estava com seis meses. As consultas foram realizadas na Unidade de Saúde do bairro Santa Luzia. “Demorei a descobrir e tive medo de contar. Mas fui acolhida, foram todos atenciosos, tiraram todas as dúvidas e explicam coisas que po-

deriam acontecer”, relata.

Enfermeira responsável pela linha do cuidado da mulher e da gestante em Ponta Grossa, Sabrina Dalcanal observa que a conscientização é essencial para garantir a continuidade do pré-natal. Ela diz que há muita desinformação sobre o pré-natal, o que reforça a necessidade de campanhas de conscientização.

“A educação em saúde na escola também é fundamental, pensando na saúde sexual e reprodutiva, na gravidez na adolescência, e nas formas de violência. Nós percebemos que é uma ação muito importante e com bastante efeito”, afirma.

A Prefeitura afirmou, em nota, que o acompanhamento das gestantes é realizado pelas equipes da Atenção Primária à



Saúde. O município também oferece serviços como atenção odontológica à gestante, acompanhamento com especialistas quando necessário e visitas domiciliares de agentes comunitários de saúde.

A Prefeitura também foi

questionada pelo **Foca Livre** sobre dados relacionados ao absenteísmo no pré-natal, mas não respondeu até o fechamento desta edição.

Riscos

A ausência do acompanhamento pré-natal pode trazer consequências graves para a mãe e para o bebê, aumentando o risco de anomalias congênitas e elevando os índices de mortalidade materna e infantil, também impede a detecção precoce de complicações tratáveis durante a gestação. ■

REPORTAGEM
Isabella Meira
isabellameira971@gmail.com
Checkagem: Julia Busarello
Diagramação: João Pedro Souza
Arte: Fernanda Andrusko

Casos de alimentos impróprios reacendem debate sobre merenda escolar

A qualidade dos alimentos disponibilizados na rede municipal de ensino de Ponta Grossa voltou a ser alvo de discussões após denúncias anônimas relacionadas ao fornecimento de merenda em condições impróprias para consumo. As reclamações começaram no início do ano letivo, quando pais das crianças e servidores das redes de ensino relataram a situação precária dos alimentos.

A repercussão das críticas resultou no rompimento do contrato da Prefeitura com a Ômega Alimentação,

empresa terceirizada até então responsável pelo serviço (*veja mais na página 6*).

De acordo com o relatório *O Estado da Alimentação Escolar no Mundo*, quase 420 milhões de crianças em todo o planeta recebem refeições escolares. A ação, aponta o relatório, integra uma rede de segurança para crianças e famílias vulneráveis.

Segundo o diretor da Escola Municipal Cyrillo Domingos Ricci, localizada no Contorno, Nelson Depetris, “temos crianças que vêm à escola basicamente para comer. Então a merenda é de suma importân-

cia, pela questão educacional, porque facilita o processo de aprendizagem”.

A Secretaria Municipal da Educação afirma realizar fiscalização frequentemente, embora as denúncias anônimas tenham colocado a situação do controle de qualidade e fornecimentos dos alimentos em questão.

A nutricionista infantil Esdra Ferreira aponta que a merenda vai muito além da oferta de refeições, sendo essencial para a saúde e qualidade de vida das crianças. “A escola exerce um papel social importante, garantindo uma alimentação equilibrada, contribuindo direta-

te para a saúde e qualidade de vida dessas crianças”, destaca a especialista.

Enquanto o caso segue sob acompanhamento do Ministério Público, as denúncias reforçam a importância da fiscalização contínua de mantimentos no ambiente escolar, e da garantia de refeições seguras para os estudantes da

REPORTAGEM
Jeniffer Iara
[@jenysilva_iara](https://www.instagram.com/jenysilva_iara)
Checkagem: Maria Thereza Mello
Diagramação: João Pedro Souza

POLÍTICA

Sem previsão de reabertura, capela mortuária sofre com abandono em Uvaranas

Espaço construído com investimento de R\$ 385 mil permanece fechado após furtos e padece com falta de segurança e problemas estruturais

A Capela Mortuária Valdir Proroki Kovanej, na Vila Tarobá, em Uvaranas, foi concluída no segundo semestre de 2024, mas segue sem uso desde a conclusão da obra. Antes de entrar em funcionamento, o espaço teve a fiação elétrica furtada em setembro do mesmo ano e desde então, permanece fechado.

O local, que recebeu investimento público de R\$385 mil, apresenta sinais de abandono, como mato alto, vandalismo e depredações. Construído para atender mais de 5 mil moradores, o espaço fechado prejudica diretamente a população, que acaba se deslocando para outros bairros para realizar velórios.

A aposentada Rose Betim é uma das pessoas afetadas pelo problema. O velório do marido foi realizado no centro da cidade devido à falta de capela no bairro. Segundo ela, a distância e os custos de transporte impediram a presença de amigos e

conhecidos. “Muitos não tinham nem passagem de ônibus. Foi pouca gente conhecida. Foi triste não ter esse apoio”, relata. Sem a capela em funcionamento na vila, a cerimônia precisou ser realizada na região central da cidade, a cerca de 6,5 quilômetros do bairro, trajeto que leva aproximadamente 15 minutos de carro, e pode chegar a uma hora de ônibus.

A presidente da Associação de Moradores Parque Tarobá, Alcione Gonçalves de Lara, confirma que a capela segue sem uso. Alcione ressalta ainda que os moradores chegaram a instalar um cadeado para evitar furtos, mas isso não ajudou. “A praça não tem iluminação nenhuma à noite. A escola ao lado está abandonada, daí a escola, a praça e a capela vira um lugar para encontro de vandalismo”, lamenta.

Alcione acredita que a presença da Guarda Municipal no espaço e a revitalização da re-

gião poderiam ajudar. “A capela poderia ser usada para reuniões escolares e encontros comunitários, devido à proximidade com a escola e o CMEI”, comenta.

Procurada pelo **Foca Livre**, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente afirmou, em nota, que a capela foi inaugurada antes da interrupção causada pelo furto da rede elétrica. Sem informar quando o espaço será reaberto, a Secretaria destaca

ainda que já foram realizados serviços de limpeza e reparos no prédio e que está em trâmite a solicitação de novo padrão de energia para o local. ■

REPORTAGEM

Erika Vibly de Castro

erikavibly88@gmail.com

Checagem: Leonardo Correia
Diagramação: Matheus Fornazari



Raissa Pais/Foca Livre

Quase dois anos fechada, capela mortuária acumula sinais de abandono

Contrato emergencial da merenda custará R\$ 40 milhões aos cofres públicos

Enquanto a alimentação escolar segue sendo um serviço essencial para milhares de estudantes de Ponta Grossa, a Prefeitura ainda prepara a nova licitação para definir a gestão da merenda escolar. Atualmente, o serviço é executado pela Soluções Serviços Terceirizados Ltda., contratada emergencialmente por R\$ 40,3 milhões, após a suspensão da Ômega Alimentação e Serviços Especializados S.A. O contrato prevê a oferta diária de merenda para alunos de 173 escolas municipais e Centros Municipais de Educação Infantil.

A Prefeitura suspendeu o antigo contrato em 30 de abril, após requerimento do Ministério Público (MP) diante de denúncias relacionadas à qualidade dos alimentos fornecidos

nas escolas. A empresa havia assumido a execução do serviço em fevereiro, após vencer o processo licitatório realizado em dezembro de 2025.

O acordo emergencial possui validade de 180 dias e foi firmado por dispensa de licitação, modalidade prevista na legislação para assegurar a continuidade de serviços públicos essenciais. A mesma norma determina que a contratação temporária seja acompanhada de novo processo licitatório. A Prefeitura informou que já iniciou os procedimentos para tal, mas não deixa claro o prazo para a publicação do edital.

O MP não irá recorrer da decisão do juiz Gilberto Romero Periotto, que manteve a terceirização da merenda escolar,

mas continuará acompanhando a execução do serviço.

Sobre a contratação emergencial, o promotor Márcio Pinheiro Dantas Motta destacou, em nota, que a decisão sobre a forma de prestação do serviço cabe ao município, enquanto o papel do MP é fiscalizar a correta execução contratual.

O Observatório Social do Brasil Campos Gerais, que acompanha o caso, informou que também estará atento à contratação emergencial e à futura licitação. “Continuaremos acompanhando o processo licitatório da merenda e estamos dispostos a mediar as conversas entre o poder público e a iniciativa privada, objetivando contribuir com a eficiência da gestão pública, a transparência e o fomento à

participação cidadã”, diz o presidente Murilo Coelho.

Dados do Portal da Transparência da Prefeitura apontam que a empresa Ômega já recebeu R\$ 7,8 milhões do município pelos serviços e outros R\$ 25,3 milhões já têm garantia de pagamento. A equipe do Foca Livre procurou a empresa para comentar o caso, mas não obteve resposta. A informação é de que a Ômega, que havia constituído uma filial na cidade em fevereiro, está deixando de operar em Ponta Grossa. ■

REPORTAGEM

Kamille Vidal

@kamillevdal

Checagem: Maria Thereza Mello
Diagramação: Matheus Fornazari

 POLÍTICA

Ponta Grossa enfrenta falta de políticas para acolhimento de pessoas LGBTQIAPN+

Ausência de estrutura específica faz com que casos sejam atendidos por redes informais de apoio e órgãos públicos gerais

O Conselho Municipal LGBT de Ponta Grossa revela que apesar do trabalho realizado por entidades e órgãos de apoio, o município não atende a demanda de pessoas expulsas de casa ou vítimas de violência motivada por orientação sexual ou identidade de gênero. Atualmente, existem estruturas para o atendimento para os casos de violência doméstica.

A ausência de dados oficiais sobre a população LGBTQIAPN+ ponta-grossense em situação de vulnerabilidade evidencia a falta de atenção do poder público às demandas da comunidade. Integrante do Comitê Estadual LGBT e presidente do Conselho Municipal LGBT, Thaís Boamorte relata que o principal trabalho desenvolvido pelo Conselho e pela militância é o acolhimento inicial e o encaminhamento dessas pessoas para serviços públicos já existentes, como o Centro de Referência de Assistência Social (Cras), na tentativa de suprir a falta de políticas públicas.

O Conselho possui caráter consultivo e atua proposição, discussão e aconselhamento sobre políticas públicas, sem poder de decisão direta sobre sua implementação. Entre os objetivos do órgão está a mudança para o modelo deliberativo, com maior autonomia e poder de decisão sobre ações, projetos e aplicação de recursos voltados à comunidade. “Para ter uma casa de acolhimento vai muito além da intenção e da boa conversa com a prefeitura. É preciso pensar em local, segurança, profissionais capacitados e toda a estrutura necessária para atender pessoas em situação de vulnerabilidade”, explica.

Psicólogo e homem trans que atua no atendimento à população LGBTQIAPN+ em

“Relatos de ansiedade e dificuldades de pertencimento estão ligados a violências institucionais, sociais e familiares”

Ponta Grossa, Diego Sikorski afirma que a ausência de redes institucionalizadas amplia a vulnerabilidade da população. Segundo ele, muitas pessoas chegam aos atendimentos sem identificar que o sofrimento enfrentado está relacionado à LGBTfobia, mas ao aprofundar essas experiências, é possível perceber que o sofrimento está ligado a diferentes formas de violência.

“Frequentemente, essas demandas aparecem no consultório a partir de relatos de ansiedade, medo, isolamento, dificuldades de pertencimento e conflitos familiares, que estão ligados a violências institucionais, sociais, familiares e subjetivas diretamente relacionadas ao fato de a pessoa ser LGBTQIAPN+. Mas essas violências nem sempre surgem de forma tão explícita ou facilmente identificável”, diz.

Serviço

Nas situações em que há violência ou ameaça, as pessoas são orientadas a procurar as delegacias, registrar boletins de ocorrência e reunir provas, como fotos, vídeos, prints de mensagens, além de informações sobre os agressores. As denúncias de homofobia e transfobia podem ser feitas pelo telefone 156 e pela Associação Flor de Lis LGBT, organização não governamental sem fins lucrativos que atua na defesa e promoção dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+ em Ponta Grossa. ■

REPORTAGEM

Anna Teixeira
[@annaa_teixeira](#)

Checagem: Lorena Rocha
Diagramação: Livia Anjos e Kamille Vidal



Parada LGBTQIAPN+ 2025 na Concha Acústica da Praça Barão do Rio Branco

Daniel Américo/ Foca Livre

Matheus Fornazari

Como se estabeleceu o Dia Internacional Contra a Homofobia?

A ideia, pensada em 2004, seria como uma campanha de um ano que culminou no primeiro Dia Internacional Contra a Homofobia em 17 de maio de 2005. A data foi escolhida para comemorar a decisão da Organização Mundial da Saúde em 1990 de desclassificar a homossexualidade como um transtorno mental.

Em 2009, a transfobia foi adicionada ao nome da campanha, com a Bifobia foi em 2015. Ainda em 2009, as atividades se focaram na transfobia. Uma nova petição foi lançada junto com organizações LGBT naquele ano, apoiada por mais de 300 ONGs de 75 países. Na véspera de 17 de maio de 2009, a França foi o primeiro país do mundo a remover oficialmente transgêneros de sua lista de doenças mentais. ■

"Eu vivo um luto se

Segunda reportagem de série especial conta histórias de vidas interr

"Vai pra casa, mãezinha, se até amanhã ela não aparecer, aí a senhora volta aqui". Foi o que Ivanise ouviu do delegado às 3 horas da manhã do dia 24 de dezembro de 1995. "A sua filha deve estar por aí com algum namoradinho, até o dia amanhecer ela já volta para casa", reafirmou o agente.

"Doutor, uma mãe que dá liberdade pra uma adolescente de 13 anos ficar na rua até essa hora da madrugada, não vem na sua delegacia pedir ajuda", respondeu Ivanise. "E quem disse que mãe conhece o filho? Quando os pais viram as costas, o comportamento deles é totalmente diferente", rebateu o delegado.

Palavras faladas para uma mãe com a filha desaparecida havia sete horas. A negligência encontrada nos detalhes dessa história colide com a dificuldade de Ivanise Esperidião de ter quaisquer pistas sobre o paradeiro de Fabiana Esperidião da Silva. Em meio a estatísticas e buscas incessantes, uma mãe convive há 30 anos com a perda, que pode não ser visível, mas é sentida na alma todos os dias, há mais de 11 mil dias. "O delegado disse pra mim que não ia perder tempo, porque já estava acostumado com essas ocorrências, que eu precisava esperar as 24 horas", conta.

Esperar um dia inteiro para, no fim, na noite daquela véspera de Natal, a única diferença para a manhã é que agora Ivanise tinha em mãos um papel que falava que Fabiana estava desaparecida e que descrevia a forma como ela sumiu. "Um balde de água fria", relembra, em 2026, o descaso enfrentado na época.

Destino com espinhos

No lugar comum, quando se perde uma pessoa, a última memória que se tem de al-

guém é dentro de um caixão em um velório. O corpo humano e suas milhões de sinapses têm diversas reações para a dor física, mas e para a dor psicológica, mais especificamente, a dor da perda, como se manifesta essa reação?

O luto já passou pela vida de Ivanise de diversas maneiras. Ela vem de uma família composta por dez irmãos, originária de São Luís do Quitunde, cidade localizada na região norte de Alagoas, a 57 quilômetros de Maceió. No município com cerca de 30 mil habitantes moravam os irmãos e os pais de Ivanise.

A mãe de Fabiana mudou-se para São Paulo aos 18 anos. Ela se casou em 1980 – é divorciada desde pouco tempo após o desaparecimento da filha – e, logo que chegou ao novo estado, quis ser mãe. As filhas têm apenas 11 meses de diferença. "Minha primeira gestação era de gêmeos. Eu perdi, tive um aborto espontâneo. Depois engravidei da Fabiana e, logo após, da Fagna", retrata.

Os irmãos dela permaneceram morando em Alagoas, ao lado dos pais. Antes do desaparecimento, ela já fazia tratamento para depressão. Ivanise era a filha mais velha por parte de pai e, quando ele faleceu, foi a única que não pôde se despedir. "Tínhamos uma relação muito grande, minha mãe disse que ele morreu pedindo para me ver".

Foi a época na qual ela apresentou início de depressão. A descoberta foi em uma consulta no reumatologista. Ao observá-la com olhos vermelhos, o médico perguntou se ela havia dormido à noite: "Doutor, eu não durmo há dias, não tinha vontade nem de tomar banho, eu me entregava dentro do quarto". Foi assim que Ivanise recebeu encaminhamento para um Centro de Atenção Psicossocial (Caps) e iniciou o tratamento. A única pessoa que podia ajudá-la naquela ocasião era ela mesma.

Dois anos depois, quando Fabiana desapareceu, o quadro se agravou. Um dia, durante as buscas, Ivanise foi ao Instituto Médico Legal (IML) e viu cinco corpos, cinco meninas que foram assassinadas das formas mais brutais possíveis. "Por que Deus estava me usando? Por que estava me castigando usando a minha filha? Eu falei: 'Senhor, eu já vivi o bastante'".

Após a perda dos gêmeos, do pai e o desaparecimento da filha, uma vida que já tinha um destino guiado pelas dores da incerteza, teve mais uma provação. "O médico chamou a mim e a minha irmã e disse que minha mãe não iria durar mais do que 20 dias, porque ela estava tendo falência múltipla dos órgãos". Há 12 anos, Ivanise desembarcou em Alagoas no dia 17 de agosto; no dia 6 de setembro, a mãe dela morreu. Ela



1980

Ivanise migra do interior de Alagoas para São Paulo

1982

Fica grávida de Fabiana

1995

Desaparecimento de Fabiana

m corpo"

ompidas pelo desaparecimento no Brasil



Em 2026, o Foca Livre passa a apresentar reportagens especiais produzidas por estudantes do terceiro ano, na disciplina Produção de Textos Jornalísticos III. Os textos integram séries de reportagens especiais e, a cada mês, será publicado um novo capítulo. A primeira reportagem da série aqui publicada pode ser acessada no site do Portal Periódico, por meio do QR Code ao lado

acompanhou a última parte dos três meses de luta contra uma doença que fez a mãe dela perder todos os movimentos do corpo e, nos últimos dias, ficar totalmente dependente de outras pessoas.

“Aquilo para mim foi um choque muito triste, uma realidade muito triste, porque estava acostumada a chegar lá e ver minha mãe uma mulher sempre disposta”, relembra. Naquele momento Ivanise vivia uma dualidade do luto. Com ou sem corpo, a dor que fica é uma ferida que nunca vai se fechar.

Luto inacabado

“A dor do luto da morte é diferente da dor da incerteza”, explica Ivanise, que tem experiência nas duas faces. “Quando você tem o protocolo para fazer a despedida daquele corpo, vê-la, com família e amigos, você enterra e sabe que a pessoa não vai mais voltar”. Alguém que não perdeu o pai e a mãe e, ao mesmo tempo, tem uma filha desaparecida, faz uma reflexão sobre como é viver um luto ambíguo, no qual não existe concretude do acontecimento. A psicóloga Aline Ingrid Zanoni, especializada em perdas e luto, fundamenta o conceito de perda ambígua. “É um conceito desenvolvido na década de 1970 pela psicóloga Pauline Boss para descrever perdas sem uma confirmação clara, como no caso de pessoas desaparecidas, onde há a ausência do cor-



Ivanise em ato na Praça da Sé, em São Paulo

Arquivo pessoal

po e uma forte presença psicológica daquela pessoa que está desaparecida”. Este fenômeno dificulta questões como o fechamento emocional, mantém a pessoa em um sofrimento prolongado, além de dificultar o início da elaboração da perda.

Ao longo do tempo podem surgir ansiedade crônica, culpa persistente, sensação de estagnação, sintomas de estresse pós-traumático e dificuldade de reorganizar a vida. “Também há maior risco de depressão e isolamento”, ressalta a psicóloga.

A profissional explica que quando não existe a confirmação efetiva da perda, esse processo pode ficar “congelado”, gerando grande sofrimento aos entes que ficaram, diferente do

concreto, quando a pessoa pode reconstruir um significado para aquela perda e é capaz de se direcionar para a reorganização da vida, construir novos vínculos, retomar tarefas, entre outras etapas.

“A psicoterapia do luto é um suporte importante no caso do luto ambíguo, com foco em aumentar a tolerância à incerteza, validar a experiência, favorecer a construção de rituais simbólicos de despedida e fortalecer a rede de apoio”, explica a especialista sobre o acompanhamento psicológico mais adequado.

Ivanise Esperidião conviveu com a dor de todas as formas e particularidades. Para permanecer lutando diariamente, ela precisou se reinventar. “Tinha-

mos vários planos e projetos para as nossas vidas, tudo aquilo foi por água abaixo, mas eu tive que aprender a conviver com essa dor, ou eu aprendia ou eu morria”. Atualmente, Ivanise transforma a dor em causa e luta até os dias de hoje. Os desaparecidos encontrados pela organização Mães da Sé, fundada por ela como forma de tornar-se ativista da causa, já somam mais de 6 mil pessoas. ■

REPORTAGEM
Emanuelle Pasqualotto
manufpasqualotto@gmail.com

Checagem: Jeniffer Iara
Diagramação: Rafaela Rothstein
Artes: Fernanda Andrusko

1996

Gravação do apelo para a novela Explode Coração

1996

Fundação da ONG Mães da Sé

2011

Falecimento do pai de Ivanise

2014

Falecimento da mãe de Ivanise

Elevador Panorâmico do Parque Vila Velha será reaberto após 25 anos

Obras para revitalização das estruturas devem encerrar até outubro. Investimento para reativação do atrativo é de R\$ 13,2 milhões

O teleférico vertical da Furna dos Andorinhões, construído no fim da década de 1970 no Parque Vila Velha, conhecido como “Elevador Panorâmico de Furna”, será reaberto depois de passar mais de duas décadas interdito. Entre outras questões, a estrutura antiga ameaçava o abrigo para as aves da espécie Andorinhão-de-Coleira-Falha, que dão nome ao local. As intervenções começaram em julho de 2025, com previsão de reabertura em outubro deste ano. O projeto de manutenção para a reativação do atrativo possui investimento da concessionária Soul Vila Velha, em parceria com o Instituto Água e Terra (IAT).

O atrativo estava inativo em consequência de problemas estruturais que ofereciam risco de danos às paredes rochosas. As antigas estruturas metálicas estão sendo retiradas e enviadas para oficinas especializadas para revitalização, garantindo que a nova instalação não comprometa as rochas que têm mais de 400 milhões de anos.

O geólogo Mário Sérgio de Melo avalia com preocupação a



Obras para retomar atividades do atrativo do Elevador de Furna em Vila Velha

iniciativa. “Não vejo como não impactar a natureza do local. Colocaram-no numa época em que não existia legislação ambiental, muito menos consciência ambiental, mas não há como o funcionamento do elevador, com pessoas, ruídos, vibrações, acidentes não ocasionar impacto relevan-

te”, analisa.

Após a conclusão das obras, a atração permitirá a descida de aproximadamente 50 metros até um deck instalado no interior da furna, de onde será possível observar a formação rochosa e a vegetação do local de baixo para cima. A reportagem entrou em

contato com o IAT, o gerente geral do Instituto, Matheus Demito, esclarece as questões ambientais do licenciamento N° 229968963 liberado em março de 2025, para a autorização da obra. “Precisamos evitar que os animais da região venham a óbito devido a obra, temos condições a serem respeitadas após a liberação de manutenção e continuaremos com a fiscalização”, declara.

Marco legal

A revitalização coincide com um marco legal para a unidade de conservação. Em abril foi sancionada a legislação que reconhece o Parque de Vila Velha como Patrimônio Histórico e Cultural do Paraná. O local já era tombado desde 18 de janeiro de 1966 devido à relevância geológica, ambiental e paisagística. ■

REPORTAGEM

Júlia Daniel

julia1camargo1@gmail.com

Checagem: Malu Dip
Diagramação: Maria Thereza Mello e Pedro Fontoura

Exposição ao ar livre é atração em Vila Velha

A exposição MON sem Paredes - Arte ao Ar Livre estreou em fevereiro e reúne seis obras de arte contemporânea que devem permanecer expostas até 2028 no Parque Estadual de Vila Velha. A iniciativa é do Museu Oscar Niemeyer (MON), que mantém o projeto desde 2024. Ponta Grossa é a primeira cidade a receber a exposição fora da capital. Instaladas em volta de um dos arenitos, as obras convidam o público a interagir e vivenciar a paisagem de mais de 300 milhões de anos.

O curador de arte do MON

e responsável pela exposição, Marc Pottier, conta que selecionou os artistas brasileiros considerando critérios técnicos e ambientais, como não perfurar o solo e desembarcar a peça pronta para instalação. “O primeiro critério foi entender a responsabilidade de mostrar uma obra num sítio natural tão bonito como Vila Velha, e de imaginar uma obra humilde. Não convidamos artistas para fazer obras monumentais, é mais um diálogo com a natureza”, comenta.

Para o coordenador comercial do parque, Matheus Pinto, a iniciativa permite trazer “obras feitas por mãos huma-

nas para um espaço onde a atração principal são esculturas produzidas pela natureza”. A escultura em aço inoxidável “Reconstrução”, de Tom Lisboa, é uma das obras expostas.

Lisboa destaca que o objetivo é promover uma interação envolvendo a obra e os elementos da natureza. “Quando pensei a estrutura que tem uns furos, é justamente para ser capaz de capturar o que é despreendido dos arenitos. A ideia é ser um filtro da natureza que está ao redor”, revela.

O casal de arquitetos, Paula Morais e Rogério Shibata, veio da capital atraído pela MON

sem Paredes. “Nada melhor que trazer esculturas para um lugar tão escultórico assim. Eu achei muito bonita e respeitosa a relação com o que se tem de natural”, diz Paula. O visitante pode usufruir da experiência ao visitar o Parque sem a necessidade de aquisição de passaporte adicional. ■

REPORTAGEM

Luciana Scherner

luciana.scherner@gmail.com

Checagem: João Pedro Souza
Diagramação: Maria Thereza Mello e Pedro Fontoura

CAMPOS GERAIS

Ponta Grossa soma mais de 1,1 mil pessoas em situação de rua

Em março, somente o Centro Pop realizou mais de 4,8 mil atendimentos a mulheres e homens que não têm onde morar na cidade

Dados divulgados pelo Observatório do Cadastro Único do Governo Federal, referentes a março, indicam que 1.148 pessoas se encontram em situação de rua em Ponta Grossa. Considerando o diagnóstico socioterritorial, elaborado pela Prefeitura em conjunto com a Fundação de Assistência Social (FASPG) em 2024, quando 774 pessoas não contavam com moradia fixa na cidade, houve um acréscimo de 481 homens e mulheres nessas condições.

A maioria dessas pessoas são homens, totalizando 91,8%, enquanto as mulheres correspondem a 8,2%. O Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua, serviço vinculado à FASPG, realiza atendimentos diários à população em situação de rua, acompanhando tanto pessoas que vivem nessa condição há mais tempo quanto aquelas que passaram a vivenciar essa realidade recentemente. De acordo com as informações prestadas pelo serviço, somente no mês de março foram realizados 4.806 atendimentos.

Em situação de rua há um mês, Bianca Larissa Santos conta que já havia morado na

rua quando pequena e lamenta ainda o preconceito e a falta de oportunidade. “É bem complicado porque a gente não acha solução, a gente procura aqui e ali, mas ninguém abre a porta, ninguém nos dá essa oportunidade de sair desse caminho para seguir em frente. Mas se dessem uma chance, já seria suficiente para mudar tudo”, expressa.

A equipe do Foca Livre entrou em contato por e-mail com a assessoria de imprensa da Prefeitura de Ponta Grossa, que destacou a existência de redes conveniadas de acolhimento voltadas ao atendimento das pessoas em situação de rua. Segundo o Município, os cinco abrigos disponíveis na cidade têm capacidade para acolher 213 pessoas, o que atende 18% da população em situação de rua da cidade.

Censo Municipal

Atualmente, a Fundação de Assistência Social também está coletando dados para a elaboração do Censo Municipal sobre a Pessoa em Situação de Rua, com previsão de conclusão para o final deste mês. O levantamento oficial é apurado



Atendimento a pessoas em situação de rua é ofertado pelo Centro POP de segunda à sexta-feira

Jennifer Iara/Foca Livre

por meio do Registro Mensal de Atendimentos, instrumento contabilizado pelo Centro Pop e por meio do monitoramento realizado pelo Departamento de Gestão do SUAS (Vigilância Socioassistencial da FASPG).

REPORTAGEM

Emanuelle Nunes
@nunesx_fps

Checagem: Isabelly Costalonga
Diagramação: Isabelli Piva

Acidentes de trânsito crescem em PG

De acordo com dados do Pelotão de Policiamento de Trânsito do 1º Batalhão da Polícia Militar (BPM), dados publicados em 2025, foram contabilizados 4.162 acidentes de trânsito no município e 3.831 registros em 2024, o que representa um crescimento de 8,6% nas ocorrências. Ponta Grossa é uma das cidades que possui mais registros de acidentes de trânsito.

O trabalhador de Office Boy Ederaldo Antunes da Rosa, a verdadeira transformação nasce da empatia diária entre motoris-

tas, motociclistas e pedestres, e que as ações educativas precisam ser constantes para que as vias públicas se tornem espaços genuinamente mais seguros e humanos para toda a população. "Considero o trânsito da cidade extremamente perigoso. Você tem que ter muita atenção e muito cuidado quando você está dirigindo, porque a maioria das pessoas não têm consciência, fazem muitas coisas erradas e o pessoal não dá muita importância, principalmente com moto ou quando você é moto-

boy", destaca Ederaldo.

O superintendente de trânsito e segurança viária João Rodrigo Pontes, define a mobilidade urbana de Ponta Grossa como desafiadora e destaca como a população do município poderia melhorar o trânsito. "Seria basicamente a cultura do respeito. Esse é o principal, porque nós temos vias que estão muito melhor sinalizadas do que alguns anos atrás, nós temos cruzamentos com semáforo, então basta que as pessoas respeitem." afirma João.

Neste mês é celebrado o Maio Amarelo, um movimento internacional de conscientização para a redução de sinistros de trânsito e a prefeitura também realiza ações com palestras de trânsito todo ano em escolas e empresas.

REPORTAGEM

Livia Anjos
@livia_aanjos

Checagem: Luciana Scherner
Diagramação: Isabelli Piva



Rafaela Rothstein/ Foca Livre

CULTURA

A história que escolheu William Biagioli

Minissérie coloca Ponta Grossa na tela nacional ao revisitar episódio da ditadura

Enquanto parte do país celebra a chegada de 1970, Miriam Gonçalves e outros integrantes da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares viviam horas de tensão dentro de um avião sequestrado. Em plena ditadura, o voo 114 da Cruzeiro do Sul, que partira de Montevidéu rumo ao Rio de Janeiro, teve sua rota desviada para Havana, em Cuba.

Décadas depois, o episódio inspira *Caravelle 114* – ou, como define o próprio diretor William Biagioli, “uma história que o escolheu para ser contada”. Conhecido por trabalhos como *O Estacionamento* (2016) e *Mirador* (2021), Biagioli volta agora seu olhar para a luta armada durante a ditadura militar.

A produção estreou em 19 de maio no Canal Brasil, com exibição semanal de quatro episódios, e posteriormente chega ao catálogo do Globoplay. No dia 7 de maio, Biagioli esteve em Ponta Grossa ao lado de parte do elenco para apresentar o primeiro episódio da série. Na ocasião, o diretor concedeu entrevista ao Foca Livre e comentou os bastidores da produção.

O projeto começou a tomar forma entre 2017 e 2018, antes mesmo da popularização de narrativas ligadas à ditadura militar no audiovisual brasileiro. “Na época, muita gente falava: ‘ninguém aguenta mais história de ditadura’. E eu ficava pensando em como fazer isso ser interes-

sante sem virar só uma lição de moral”, conta. Para ele, o principal desafio era aproximar o público da dimensão humana daqueles personagens.

Para fugir de representações idealizadas da luta armada, os atores conversaram com ex-militantes que viveram o período. João Pedro Freitas, intérprete de Athos na série, lembrou encontro com a ex-guerrilheira Sônia Lafoz, ligada à Vanguarda Popular Revolucionária. “Disse que não gostava da maioria dos filmes sobre a ditadura porque sempre colocavam um heroísmo muito grande”, revela. Segundo ele, Sônia defendia retratos mais humanos daqueles grupos políticos. “Ela dizia que eles sofriam muito, tinham medo, sentiam falta da família, mas também davam risada, faziam churrasco, bebiam vinho. Ela queria ver essas relações na tela”.

Uma das principais viradas na concepção da minissérie aconteceu após o roteiro ser lido pelos roteiristas de *Ainda Estou Aqui*, Murilo Hauser e Heitor Lorega. Foi Hauser quem apontou que *Caravelle 114* era, no fundo, uma história sobre fazer cinema. E a gente nunca tinha pensado nisso”, lembrou. “Tudo que vocês vão ver na ficção aconteceu com a gente de forma paralela. A gente ficou sem dinheiro, sem perspectiva, sem saber como continuar. Igual ao avião na história: ele fica parado no chão”.

Produzida ao longo de quase uma década, a minissérie enfrentou dificuldades financeiras e burocráticas. Inicialmente aprovada pelo Canal Brasil em 2018 com orçamento de R\$ 3 milhões, a série sofreu os impactos da pandemia e da alta nos custos do setor audiovisual. “Quando a gente recebeu o dinheiro, em 2021, já não era mais o mesmo mercado. Tudo tinha encarecido: hospedagem, transporte, alimentação, cachê”, lembra o diretor.

Biagioli afirma que a liberação dos recursos da Ancine só ocorreu após uma ação judicial movida pela Associação de Produtores Independentes (API) durante o governo Bolsonaro. Posteriormente, a equipe conseguiu complementar o orçamento por meio de editais da Lei Paulo Gustavo e da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, chegando ao valor final de R\$ 4,5 milhões.

Mesmo com recursos considerados modestos para os padrões atuais do streaming, a produção mobilizou 289 profissionais entre elenco, técnicos e produtores ao longo de quatro episódios. “O que a gente fez com R\$4 milhões e meio o pessoal não faz um episódio hoje”, avalia. Para o diretor, o resultado reforça a importância das políticas públicas de incentivo ao audiovisual: “Essa série só existe desse jeito por causa da grana pública”.

As gravações ocorreram em cidades como Curitiba, Morre-

tes, Quatro Barras e Ponta Grossa. O Aeroporto Santana serviu como cenário para diferentes aeroportos retratados na trama. “Eu tenho uma filosofia: acredito que dá para fazer qualquer coisa em qualquer lugar. E a gente provou que dava para fazer uma série com cara internacional aqui”, afirma. A produção também apostou em atores regionais e equipes locais. Parte da trilha sonora foi composta por bandas independentes do Paraná, como Mambaia, de Ponta Grossa, e Escambau e Cigarras, de Curitiba.

Ao comentar o atual momento do cinema brasileiro, Biagioli avalia que o sucesso recente de produções como *Ainda Estou Aqui* e *O Agente Secreto* ajuda a abrir espaço para novas narrativas sobre a ditadura militar. O movimento de descentralização do cinema brasileiro, segundo ele, também dialoga com referências como Kleber Mendonça Filho e produções realizadas fora do eixo Rio-São Paulo. No fim das contas, *Caravelle 114* acaba se tornando também uma história sobre coletividade – dentro e fora da tela. “A gente demorou porque veio em bando”. ■

REPORTAGEM

Rafaela Rothstein

rafaelarthstein7@gmail.com

Checagem: Isabella Meira

Diagramação: Isabella Meira

Festival de dança de Ponta Grossa acontece até primeira semana de junho

Antigo Setembro em Dança passa para o primeiro semestre a partir de 2026

O Ponta Grossa Festival de Dança, que entrou na programação cultural da cidade para substituir o Setembro em Dança, segue até 3 de junho no Centro de Eventos. Com várias reformulações em 2026, o Festival envolve mais de 150 academias e grupos de dança, com cerca de 800 bailarinos. O valor total da premiação a ser distribuída com recursos públicos do Município neste ano é de R\$ 98 mil.

O evento manteve praticamente todas as categorias existentes, mas a partir deste ano passa a permitir a participação de grupos de danças folclóricas e tradicionais, dentro da categoria estilo livre. O festival possui quatro modalidades: Superação, Sapatinhas, Mostra Aberta e Mostra Competitiva. Com categorias coletivas e individuais, a iniciativa envolve dançarinos a partir de 5 anos de idade.

O secretário de Cultura de Ponta Grossa, Alberto Portugal, explica que as mudanças atendem as demandas da organização e dos participantes. “O segundo semestre é um período em que as academias têm em sua maioria apresentações próprias,



Bailarinos reformulam agenda cultural em 2026

Bebel Costalonga/Foca Livre

atrapalhando o desempenho no festival”, destaca.

Entre as mudanças, está o fato de que as apresentações serão todas realizadas no Centro de Eventos. A intenção dos organizadores é que a partir desta edição o festival passe a ter um local oficial, já que a Secretaria de Cultura espera que cada vez mais pessoas passem a acompanhar o evento. O local das apresentações gerou debate entre a população. Embora o Ginásio Ja-

mal Farjallah Bazzi e o Cine Teatro Ópera fossem opções mais centrais, o local definido para este ano fica mais afastado.

Para a dançarina de jazz e ballet Talita Machado, que participa do festival desde 2022, a mudança de data foi positiva. “A preparação não bate com ensaios de outros espetáculos”. Já a mudança de local não foi tão bem recebida. “Não é muito fácil o acesso, ainda prefiro o Cine Teatro Ópera”, opinou.

As inscrições são gratuitas. A programação pode ser acessada pelo perfil [@cultura.pg](#) pelo Instagram. ■

REPORTAGEM
Bebel Costalonga
bebelcostalonga@gmail.com

João Pedro Souza
[@jp_souza2303](https://www.instagram.com/jp_souza2303)

Checagem: Kamille Vidal e Raissa Pais
Diagramação: Rafaela Rothstein

RESENHA

O Diabo veste Prada expõe crise do jornalismo

Vinte anos após transformar a percepção pública sobre a indústria da moda e a ética corporativa, o universo da revista Runway retorna às telas em uma sequência que, longe de ser apenas um exercício de nostalgia comercial, propõe uma reflexão sobre o colapso do jornalismo impresso e a desumanização do mercado de trabalho em 2026. Sob a direção de David Frankel e roteiro de Aline Brosh McKenna, *O Diabo Veste Prada 2* resgata o trio original, Meryl Streep, Anne Hathaway e Emily Blunt, para confrontar o legado do clássico de 2006 com a realidade implacável dos algoritmos.

Se no primeiro filme o gla-

mour foi pano de fundo para a ascensão de Andy Sachs, a sequência mergulha na crise da mídia e na ascensão dos conglomerados de luxo. Miranda Priestly, antes vilã absoluta, agora é uma figura que luta contra a obsolescência. A trama revela uma editora-chefe forçada a lidar com a limitação imposta por novos executivos que priorizam margens de lucro causando a perda da excelência artística. A frota de carros luxuosos é substituída pelo uso de carros de aplicativo e o icônico cinto cerúleo, antes símbolo de alta costura, agora é visto em feiras populares.

O roteiro acerta ao mostrar que a crise do jornalismo impres-

so não aconteceu apenas pela ascensão tecnológica, mas pela transformação da informação em mercadoria descartável. Miranda não controla tendências como antes, agora ela disputa relevância com influenciadores e algoritmos. A Runway deixa de ser apenas uma revista e passa a funcionar como produto corporativo dentro de uma engrenagem financeira muito maior. O jornalismo perde autonomia editorial porque já não interessa produzir conteúdo culturalmente relevante, o objetivo agora é manter marcas desejáveis e gerar engajamento constante.

O Diabo Veste Prada 2 justifica sua existência ao não se pren-

der só ao sucesso do passado. Para jornalistas, o filme serve como um alerta e um espelho. É uma sequência inteligente, divertida e essencial para entender que, no jornalismo de 2026, a diabólica Miranda Priestly talvez seja apenas mais uma sobrevivente de um sistema em mutação. A realidade do jornalismo de moda hoje exige muito mais do que saber escolher um cinto cerúleo, exige jogo de cintura para sobreviver na era digital. ■

RESENHA
Millena Zampieri
millena.zampieri@gmail.com

Checagem: Emanuelle Nunes
Diagramação: Rafaela Rothstein

RESENHA

A divisa entre fama e a simplicidade

Uma aula de como transformar suas dores, medos e traumas em pura música

Após quatro anos de espera, Noah Kahan lançou, em 24 de abril, seu quarto álbum, *The Great Divide*, com a versão estendida, *The Last Of The Bugs*, publicada 20 horas depois. Após o impacto de *Stick Season*, com letras sobre o medo do passado ao sair e voltar à sua terra, Noah canta sobre as consequências do sucesso e de uma distância, física e emocional, das pessoas em sua terra natal, ao melhor estilo Folk/Americana que ele sabe.

O início, com *End of August* e *Doors*, traz melodias leves, com harmonias diferentes, e brinca com pontos de vista, mas serve como uma amostra do peso que vem a seguir no disco. A primeira faixa é de alguém em Strafford, cidade natal de Noah, que reclama da “mesmice” da vida lá, sobretudo da fase da primavera nessa época. Já em *Doors*, ouvimos Noah alertar essa outra pessoa de que ele não consegue não machucar os outros desde a juventude. “Eu cresci fingindo que gravetos eram arminhas / Eu os apontava para meu pai, e ele se zangava / Pois Deus me livre de ferir alguém / Eu feriria quem

quer que eu pudesse”. A auto-depreciação é uma marca de Kahan desde o início da carreira.

Após elas, podemos separar o álbum em cinco blocos na história que Noah quer contar. De *American Cars* à *Staying Still*, cada faixa compõe uma montanha-russa de emoções dessa pessoa próxima que ainda mora em Strafford e que sente a falta de Kahan. É possível notar uma espécie dos estágios do luto em cada música, mas em uma ordem diferente, o que prova essa onda de sentimentos. *Paid Time Off*, por exemplo, é a fase da aceitação. Mesmo que Noah não esteja lá presente como antes, ela se conformou com a nova realidade. “As pessoas crescem e se mudam, mas você não se importa, e eu não me importo nem um pouco”.

A faixa-título funciona como o divisor de águas literal do disco. Além de entender que a contraparte sofreu com as mudanças na vida e na relação dos dois, as músicas a seguir partem da visão do Noah, mas com algumas exceções. Ir da faixa *Haircut* até *Dashboard* é ver Kahan se culpar pela dor

dessa pessoa, mas *Willing and Able* é ele querendo consertar tudo, como “*Orange Juice*” na última obra. A mesma é uma das exceções sobre a perspectiva. A primeira estrofe é o olhar do artista de uma noite em discussão com essa pessoa (“Eu roubei uma cerveja, dirigi para casa, só restava uma”), mas a segunda estrofe é o que ele imagina o que a pessoa pensa (“Vá em frente, pegue as últimas bebidas, o mundo pertence a você”), como se a insegurança dele que se expressasse. A ponte, uma das mais profundas escritas por ele, é um último esforço de que ele faria de tudo para ajeitar as coisas.

23 e *Porch Light* funciona como o primeiro bloco emocional, mas neste momento o alvo de raiva é um dos seus irmãos. De *Deny Deny Deny* até *Spoiled*, é a vez de Noah desabafar como a vida em Strafford está uma bagunça desde que voltou. A conclusão da jornada vai de *All Them Horses* até *Dan*. Kahan aceita que a vida não será como antes, mas ele sabe como tentar conciliar a fama com a vida lenta e fria em Vermont. Uma menção válida nessa sequência é *Orbiter*, composta após sua primeira indicação ao Grammy em 2024. A música é dedicada à

mãe de Noah, como um reconhecimento do amor materno mesmo quando ele está longe de casa e nesse mundo novo que é a fama.

A obra é a melhor prova que Noah não faz músicas por pensar em fama e sucesso, mas, sim, porque é sua forma de terapia com as pessoas próximas a sua vida, tal qual pescar com amigos e passear com seus cães. Para entender as questões pessoais dele, *Out of Body*, documentário lançado 10 dias antes do álbum, explica cada fase da vida de Noah, sem um limite de exposição imposto por ele. Devido às melodias fortes e letras intimistas, sua música se popularizou em meio às pessoas certas. Mesmo que ele escreva sobre um familiar ou amigo, visto as referências em cada música, nós, meros ouvintes, nos identificamos com certos versos como se “ele tivesse lido a sua mente” (verso da própria *The Great Divide*). ■

REPORTAGEM
Matheus Fornazari
@mathfornazari

Checagem: Emanuelle Nunes
Diagramação: Lorena Rocha
Arte: Fernanda Andrusko



 OMBUDSMAN

Exercício: foto ou ilustração?

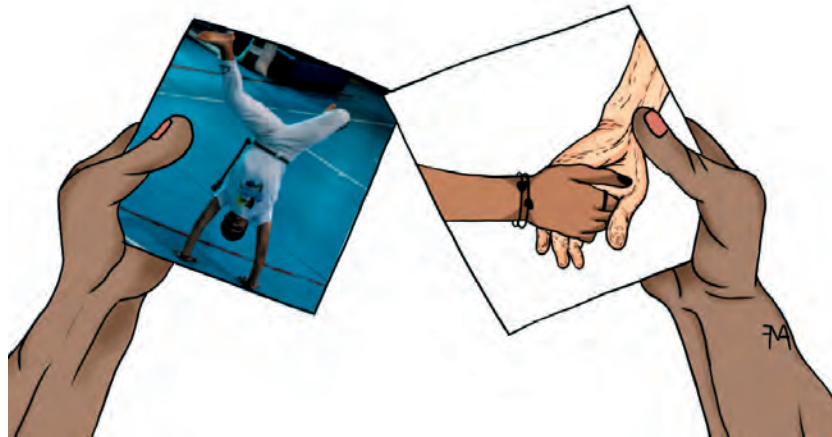
A primeira página de um jornal reflete tudo aquilo que foi produzido para alimentar as demais páginas. Por conta disso, deve trazer o resumo das matérias de maior peso, fotos e/ou ilustrações, e uma diagramação que prendam a atenção do leitor e levem-no pra dentro do jornal. Se isso não acontecer, alguma coisa precisa ser revista. Deixo claro, que ainda que eu comprasse jornal, coisa que há anos não faço, não consumiria os jornais locais por esse tipo de falha.

Dito isso, começo a análise da edição 247 do **Foca Livre**. Sobre a obra paralisada da UBS de Uvaranas, ela divide ou limita o atendimento? Pelo que entendi da reportagem, não divide, mas sim limita, já que parte funciona e outra está em obras inconclusas. Para o leitor, precisa ficar claro do que se trata. Quando se pensa em "estourar" foto na primeira página, ela precisa ser de boa qualidade. Não é esse o caso dessa e das demais imagens secundárias bastante lavadas, com um aspecto azulado. Se isso ocorre na impressão, também carece de orientação aos responsáveis.

Muito feliz o editorial *Compromisso com o Conhecimento*, com citações de teóricos preocupados com a qualidade do jornal. Tudo o que se espera de um jornal-laboratório é compromisso com a notícia de um jeito que já não é praticado pela grande imprensa e demais mídias, preocupadas só com as curtidas.

Penso que a página 3, uma das mais nobres, deveria ser usada para a matéria principal, a reportagem sobre a UBS. A Resenha poderia estar na 13, próxima da página 12, dedicada à Cultura. E as matérias da 13 viriam para a 5, aproximando a editoria de Transportes e Mobilidade da editoria de Saúde, temas que por vezes aparecem interligados.

Num universo em que o jornalista virou um burocrata de escritório, a espera de curtidas, chega a ser emocionante ler matérias com começo, meio e fim; com mais de uma fonte e seus contrapontos. Isto é constatado na matéria sobre a Carreta Oftal-



Fernanda Andrusko/Foca Livre

mológica e Samu (p. 4); e na matéria sobre a informalidade no trabalho doméstico (p. 6). No entanto, no assunto UBS de Uvaranas não aparecem vozes de pacientes, que seriam os principais interessados no bom atendimento da unidade. De novo, a foto dessa reportagem, que é a principal, deveria mostrar, de fato, o andamento ou não das obras; cuidado que precisa ser redobrado.

Ainda sobre o material da página 6, achei interessante a ilustração como recurso de imagem. O mesmo vale para a página 7, onde esse mesmo recurso se aplica. A reportagem denuncia a falta de políticas públicas no acolhimento a idosas vítimas de violência, um problema bastante sério e que pode ser melhor explorado para uma grande reportagem.

Bem construída a reportagem especial nas páginas 8 e 9. Ao mesmo tempo em que traz dados estatísticos, humaniza a história dos imigrantes italianos através dos depoimentos de seu Rocco. No contexto do jornal-laboratório, a reportagem especial é um excelente exercício de escrita e entendimento da informação, como elemento essencial na construção da notícia. Minha discordância é em relação ao uso de ilustração, quando poderíamos ter uma imagem de Rocco, que é o único protagonista da reportagem, para conhecermos a fonte de origem das falas.

Na página 10, a matéria sobre a baixa oferta de bolsas permanência requer uma atenção. Há correções a serem feitas e apenas os depoimentos de estudantes não refletem toda a questão. Faltou contextualizar e trazer a posição dos responsáveis pela Prae, para que o assunto ganhe

uma amarração que consolide as informações colhidas.

Da mesma forma, a matéria secundária poderia ter sido melhor explorada, nesse caso, com depoimentos de acadêmicos e egressos que se beneficiaram das cotas raciais. A reportagem ganharia peso para justificar a importância das cotas para toda a comunidade.

Sobre a reportagem da página 11, que mostra os problemas no escoamento das safras de grãos nos Campos Gerais, creio que ela poderia fazer parte da editoria de Economia. Uma dica em caso de *suíte* [jargão jornalístico que trata da continuação ou desdobramento de uma notícia já publicada, trazendo atualizações ou aprofundamentos sobre o mesmo fato] deste assunto, é fazer uma investigação sobre a armazenagem de grãos na região, que sempre foi um gargalo da produção e em que pé está o modal, discutido desde os anos 80, que previa o transporte da safra através das estradas de ferro. A Conab sempre sofreu com essa demanda e isso é um dos fatores que acaba sobrecarregando o transporte por rodovias.

Na página 12, na editoria de Cultura, a notícia sobre os impasses no Ópera poderia ser o "abre" e a capoeira, como secundária. E nesse caso, as justificativas de descentralização feitas pelo secretário de Cultura deveriam ser melhor contextualizadas. O Ópera é o mais antigo e o

principal teatro de PG e não deveria estar nas condições em que se encontra.

Na editoria de Transportes e Mobilidade, duas matérias de utilidade pública. Mas é preciso uma investigação melhor se de fato o que falta na linha férrea é sinalização ou é o descuido dos motoristas, que causam os acidentes. Esse trecho é sinalizado e ainda conta com um semáforo. Trechos em condições piores que esse, estão na Vila Vendrami e no Sabará (Periquitos), onde o cuidado deve ser redobrado.

Na editoria de Esportes, página 14, é honesta a matéria sobre os investimentos no Prata da Casa, mas bastante protocolar. Nas matérias secundárias, é preciso tomar cuidado com notícias datadas, sobretudo quando o jornal é publicado após o fato. É o caso do clássico da Série Bronze, realizado em 18/04, mas com o verbo no presente, "enfrenta".

Jornais-laboratórios são preciosos veículos para o exercício da construção da notícia. Esse fator cria margens para irmos além do que já se vê diariamente nas mídias tradicionais. Dito isso, a reportagem sobre o Lago de Olarias e os transtornos gerados por uma obra mal conduzida, parece apenas repetir o que já trouxeram os jornais da cidade. Ainda assim, a matéria ganha ao mostrar o prejuízo dos comerciantes do entorno do lago, e esse seria o foco principal.

Para finalizar, e observando a página 16, insisto que é preciso melhorar a qualidade das fotos no jornal, em que predomina um aspecto azulado. Quero crer que isso ocorre no processo de impressão. A última foto, a do cão em meio ao lixo, está sem qualidade e o animal ali é quase imperceptível, quando ele se mistura com as lixeiras. ■



Sebastião Natalio

Jornalista e escritor do livro de poesias Domingo no Parque, colaborador da Folha de S.Paulo e produtor na RPC. Em 2026, Sebastião Natalio será ombudsman do Foca Livre.

Ombudsman é um profissional independente que avalia a qualidade do conteúdo publicado, ouve críticas dos leitores e cobra responsabilidade da redação. Em um jornal-laboratório como o Foca Livre, a existência desse cargo é fundamental para estimular a reflexão crítica, fortalecer a ética jornalística e aprimorar a formação dos estudantes.



Amanda Kobner

Anuário Pontifício de 2026 aponta aumento de 1,14% de fiéis, cerca de 16 milhões de pessoas



Guilherme Henrique Roza Penna

Naturalizada no Brasil Maria Cheung reside em Foz do Iguaçu há 40 anos onde a ceramista já teve 20 obras publicadas e nove premiações



Kaua Arving da Silva

Pela primeira vez Ponta Grossa recebe Maria Cheung ceramista que já realizou mais de 150 exposições dentro e fora do Brasil

Fernanda Andrusko

O primeiro contato com a fotografia

A edição 248 do **Foca Livre** da turma 40 do curso, abre espaço para os alunos da turma 41 de Jornalismo, da matéria de Produção Fotográfica, coordenada pelo professor Angelo Eduardo Rocha. Seu intuito, com a atual turma, é reunir em um banco de dados o primeiro olhar sobre as diferentes perspectivas do cotidiano dos Campos Gerais e de Ponta Grossa.

Entrar no curso de jornalismo não é apenas conseguir um diploma ou uma formação, é criar um novo modo de ver o mundo. Com o nascimento do profissional da observação, o cotidiano é mostrado de várias maneiras com textos, áudios ou fotos, criando um compromisso de informar e compreender a sociedade.

Mostrando a importância dos pequenos detalhes, observando as pessoas, ruas e acontecimentos diários, vendo a importância no simples, que muitas vezes passa despercebido por pessoas ditas como co-

muns. Justamente no espaço da fotografia esses temas são mais lembrados, onde uma simples ação ou trabalho, se torna algo bonito e cheio de conteúdo.

As primeiras fotos mostram a visão de cada um sobre o mundo, o começo de cada acadêmico, não só um trabalho qualquer, mas sim o mundo visto por várias visões, criações e vivências, cada imagem representa não só um momento mas a sensibilidade de cada um sobre a realidade.

Com tantas informações, e a alta exposição da mídia, uma foto dita como simples por muitos carrega muito conteúdo e compaixão sobre o mundo, assim mostrando que o jornalismo vai muito além de informar e relatar. Ele carrega a interpretação de mundo, atenção ao detalhes, e a humanidade de cada um, onde tudo começa com a coragem de um clique e com a vontade de mostrar sua realidade e relatar aquilo que parecia comum para muitos. ■



Ana Letícia Machado

Na edição de 2026 do World University by Subject a UEPG conquistou a 16º colocação entre 43 universidades classificadas